

Exportação ilegal de camarão assassina as nossas divisas

BEIRA, 28 (Delegação) — Desde o período de transição, passando pelos primeiros anos da Independência, até ao momento actual, o nosso País tem sido, sucessivamente, vítima de constantes e refinadas acções de sabotagem e de lapidação das suas fontes de riqueza.

No período de transição e após a Independência, toneladas de madeiras preciosas, marfim, peles e troféus de caça, entre outros objectos de valor do nosso património, saíram ilegalmente.

Por um lado, os sabotadores conseguiram comprar o silêncio dos elementos infiltrados nas nossas estruturas. É disso exemplo os acontecimentos passados no Porto da Beira, naquela altura em que, por meia dúzia de contos e algumas cervejas, certos indivíduos deixaram sair do País artigos de valor incalculável, que eram pertença do nosso Povo.

Por outro, utilizando mecanismos mais sofisticados, nomeadamente a subfacturação e também negócios no exterior, em proveito próprio, com organizações comerciais interessadas em desestabilizar economicamente o nosso País, outros elementos são responsáveis por actos criminosos e de sabotagem, que muito afectaram a nossa jovem República.

É disto exemplo claro os negócios de exportação de madeira, onde Moçambique, além de ser lesado ao nível interno, por indivíduos sem escrúpulos, tem de enfrentar ainda a astúcia — que é velhacaria — de organizações capital-monopolistas, que controlam os preços e os circuitos desse mercado.

Neste momento, uma situação identicamente grave ocorre em grande escala, envolvendo circuitos internacionais, com um dos nossos produtos estratégicos de exportação, considerado das principais riquezas do País e uma dos grandes fontes de divisas que possuímos: o camarão.

Sabe-se que, no mercado internacional, o camarão de Moçambique é um produto altamente disputado. Somente a título de exemplo, poderemos citar que no Algarve, Portugal, dois ou três camarões tigre (tipo K) valiam 1000\$00.

Ora bem: como sucede com as madeiras, nunca acreditámos que, com o camarão, a situação de sabotagem e de candonga, deixasse de existir.

De facto, temos no nosso País ainda indivíduos que, permanentemente, pensam na melhor forma de nos sabotar. A falta de controlo sobre o mecanismo de comercialização deste produto, acrescida da proliferação de pessoas que se dedicam à sua captura nas nossas águas (onde também o controlo desta actividade deixa muito a desejar), constitui campo fértil de manobra para negócios ilícitos e fraudulentos de que temos conhecimento.

Desde há algum tempo sabemos que sai ilegalmente camarão de Moçambique para a Suazilândia. Agora, a rede estendeu-se ao Zimbábue cujo mercado, segundo apurámos, está inundado de camarão do nosso País.

Como é possível isto acontecer, doutra forma que não pela utilização da via ilegal, se o circuito comercial oficial era, até há pouco tempo, ainda bastante incipiente, ou mesmo inexistente?

Segundo apurámos, existe uma rede de candongueiros que, sediados na Beira e em Chimoio e articulados com traficantes no Zimbábue, negociam com elementos daquele País, utilizando para isso certas «facilidades» de controlo e desvios de percurso (vulgarmente conhecidos por desvios de cabras, mas na verdade são de camiões...), no trajeto através das montanhas, que separam Moçambique daquele País vizinho, na zona de Manica.

Uma das várias formas de actuação dos candongueiros de camarão no nosso País, é a compra daquele crustáceo junto de certos proprietários de arrastões e transportá-los de noite através dos desvios pelas montanhas a que nos referimos atrás, através de esquemas de tráfico bem montado. Semelhante esquema de recepção deste produto está montado no Zimbábue, nomeadamente em Umtali, onde o camarão é mais tarde comercializado a altos preços, por manobras não tão refinadas. Porquanto, segundo nos contaram, não é difícil encontrar camarão em qualquer esquina da referida cidade zimbabueana.

Existem já indícios mais do que evidentes que comprovam esta acção consciente e deliberada de sabotagem da economia de Moçambique.

Assim também se vão assassinando as nossas tão preciosas divisas.